



Hernâni Bettencourt*

Poucochinho

I- Até já, Laranjeiras!

Por motivos de ordem pessoal não consegui, mais uma vez, estar presente na última assembleia geral do Clube Desportivo Santa Clara.

No entanto, não posso deixar de me associar à onda de indignação ao tratamento dado ao Santa Clara. A questão até nem é só na inacreditável rábula dos sub23, mas é esse tema que merece o meu veemente protesto. É hora de dizermos basta!

O Santa Clara merece respeito! O Santa Clara, goste-se mais ou menos, é o símbolo maior do desporto açoriano. Esta dimensão do Santa Clara, infelizmente reconhecida mais lá fora do que cá dentro, não é compatível com o amadorismo (ou será mesmo má fé?) dos diferentes níveis de poder. O problema, sublinho, não está em jogar no estádio João Paulo II. O problema está mesmo é na falta de conhecimento, visão, respeito e de palavra.

O Governo, na pessoa do Diretor Regional do Desporto, qual inepto ponta de lança, não tem mostrado nível para este campeonato. É poucochinho! A inversão do rumo tem de ser assumida por outro protagonista. A história do Santa Clara assim o exige!

II- Abstenção?

A Lei do Mar, na sua mais recente versão, foi há um par de dias votada e aprovada na Assembleia da República com o voto a favor do PS; abstenção do Chega, PCP, Livre e de 7 Deputados do PS; e o voto contra do PSD, Iniciativa Liberal, Bloco de Esquerda e PAN.

E os Deputados dos Açores, como votaram?

Os do PSD votaram alinhados com o grupo parlamentar (contra) e os do PS divergiram para... a abstenção.

Convém recordar que a Assembleia Legislativa Regional (e também o Governo dos Açores) havia dado, por unanimidade, parecer desfavorável a esta proposta de lei. Unanimidade que, para os mais distraídos, incluiu o PS de cá.

Os Deputados do PS de cá, em sede de justificação do parecer negativo, referiram, entre outras coisas, a extemporaneidade desta iniciativa face ao processo de revisão constitucional em curso, o qual tem a salvaguarda da gestão partilhada como uma das pedras basilares da Região. O parecer dos deputados do PS de cá não foi, garantidamente, dado à revelia da liderança da bancada.

Os Deputados do PS na Assembleia da República eleitos por cá, bem como os demais, sabiam dessa posição. Mas a verdade é que não votaram contra. Nem seguiram a linha da bancada. Optaram por uma “terceira via”. Porquê? Gostava de saber. Até para dissipar o que vai crescendo por aí...

Como não sei a razão para tão simbólica dissonância resta-me, à bolea de uma famosa declaração do camarada António Costa, dizer que esta abstenção é poucochinho. Muito poucochinho.

E, como é óbvio, tornará por cá o mar alteroso numa altura em que devia estar “mar chão”!

*Jurista



Alexandra Manes*

A caderneta de cromos

No passado dia 29 de setembro, Duarte Chaves inaugurou pomposamente o projeto “Diário de Bordo”, da Direção Regional da Cultura.

O senhor diretor, que deveria estar atormentado com quase todos os apoios às atividades culturais por pagar, e sem ter implementado novas políticas que tenham alterado o que quer que seja, optou antes por tentar inventar a roda e fazer uma caderneta de cromos para angariar visitantes para os seus serviços externos.

Ora vejamos. Os serviços externos da Direção Regional da Cultura contam com problemas estruturais de raiz, graves. Os edifícios estão literalmente a cair aos pedaços, sem condições de segurança, com chuva e vento a fazer companhia a quem os visita, e outras coisas que atormentam quem nos seus bastidores trabalha.

Foi nos serviços externos da direção que agora é de Duarte Chaves que dezenas de pessoas foram sumariamente despedidas no começo de 2023, para honrar compromissos sobre dívidas a zero, que afinal aumentaram tantos milhões que já nem é fácil contá-los todos.

No final deste verão, quatro titulares de cargos de chefia dos serviços externos do senhor diretor foram rasurados e apagados da sua história, sem qualquer justificação que não a política e, provavelmente, os ódios pessoais.

Sabemos agora que na Graciosa, Jorge Cunha não se quis chatear; na Terceira, Cláudia Cardoso foi alegadamente perseguida pela sua cor política; e no Faial, José Luís Neto decidiu não ir a um julgamento quando já se sabia declarado culpado em causa prévia.

João Santos, em Santa Maria, até ao momento, manteve silêncio, mas sabemos que o seu substituto integra os quadros políticos de um dos partidos

da coligação. Mera coincidência, certamente.

Ainda assim, os serviços externos da direção regional de Duarte Chaves são irreduzíveis na sua luta pela cultura insular e continuam a dar o seu corpo e alma para trabalhar com o quase nada que lhes resta.

Com as condições que lhes dão, é de respeitar o trabalho que fazem. Só é pena que o seu diretor pareça ter-se esquecido de o fazer.

“Diário de Bordo” seria uma boa iniciativa para um diretor de um museu promover, ou até mesmo um animador cultural. Um gestor de marketing ou um museólogo.

Duarte Chaves pode achar que é isso tudo, e disso temos a certeza, quando o vemos a receber prémios na Associação Portuguesa de Museologia ou a organizar Encontros de Boas Práticas sobre a temática.

Mas o que ele é, de momento, é diretor regional, e a sua missão deve ser zelar por melhores condições para quem dá tudo para manter o barco perdido à tona de água.

Não é isso que se vê.

A caderneta de visitas, com direito a prémios e tudo, não é mais do que fogo de vista e manobra de diversão para nos fazer esquecer dos apoios por pagar, do património abandonado, das artes perdidas e dos escândalos multiplicados.

Pode fazer as cerimónias que bem entender, senhor diretor. Nós continuaremos a dar valor às trabalhadoras e aos trabalhadores, à cultura e a lutar para que se faça justiça.

*Deputada BE|Açores